

Senhor Presidente Presidente da República, é com grande prazer, que somos presenteados com a honra da sua presença. Esta tomada de posse terá por esse facto um significado ainda mais especial.

Numa casa de cultura, de abertura às ideias e à inovação, a presença de V^a Ex^a só pode representar para nós um maior motivo de inspiração.

A casa onde nos encontramos, a nossa sede, encontra-se praticamente alinhada, numa paralela que corre ao longo da margem do Tejo, com a sua, a da Presidência da República. Uma olhando e abraçando o país e o mundo, outra, a nossa, olhando e cuidando da arquitectura, dos arquitectos e dos cidadãos.

A educação e a formação em Arquitectura, permitiram-me acreditar que um dia saberei compreender a geometria do mundo e do seu espaço, e entender melhor a dimensão humana, esperando assim poder um dia, desenhando, contribuir para a construção de um mundo melhor para todos.

A minha tarefa, enquanto presidente da ordem trouxe-me a esperança de poder conhecer melhor os arquitectos e a profissão, e o modo como esta associação pública poderá estar mais presente, tornando-se assim mais útil e mais compreendida por todos.

Chegamos ao fim de três anos de trabalho em nome da arquitectura, dos arquitectos e dos cidadãos que confiam na nossa capacidade, enquanto arquitectos, de construir o seu mundo, seja ele da esfera privada ou da pública.

Foram três anos em que dedicamos a nossa actividade aquilo a que nos comprometemos, cuidar mais da profissão, dignificar a profissão.

Três anos dedicados a um conjunto de acções prioritárias:

- defendemos uma maior participação e afirmação pública, uma maior aproximação da ordem e dos membros e da ordem e da sociedade, através de um Roteiro pela Profissão, visitando diversas regiões do país, reflectindo sobre os temas que interessam às mesmas e discutindo abertamente, dando a palavra a quem não a tem na grande maioria das vezes.
- Reforçamos a participação no CNOP de modo a garantir um maior entrosamento com as outras profissões, as mais próximas e as que nos pareciam mais distantes.
- defendemos uma maior participação nas estruturas internacionais, solidificando relações com a UIA, o CAE e o CIALP entre outras. Reforçamos o protocolo com o CAU, celebramos um protocolo com o CSCAE, o qual veio aliás a atribuir ao Gabinete da Presidência da Ordem uma medalha de mérito entregue em sessão solene no senado de Espanha em reconhecimento do trabalho realizado em nome da arquitectura.
- defendemos uma maior intervenção dos arquitectos, e do direito ao exercício dos seus actos, uma acção que conta com mais de duzentas intervenções, entre audiências, comunicados e uma petição construída em poucas semanas pela Arqt Ana Bonifácio, que contou com cerca de 20 000 assinaturas. É esta a história resumida da discussão da Lei 40/2015, primeira alteração à lei 31/2009. Passamos por muitas batalhas, tardando ainda o reconhecimento pleno do que nos moveu. Tal como disse o arquitecto Álvaro Siza Vieira, numa das suas intervenções a este respeito, “a ameaça permanece”.

- defendemos estratégias nacionais, quer para uma revisão da legislação, quer para o acesso à encomenda através do seu concursamento, quer para a reabilitação das cidades e do seu edificado. Iniciamos a discussão pública em torno da premissa de um código da edificação que compatibilize, sistematize, e actualize os mais de 1000 diplomas que estruturam a nossa actividade, e deixamos desenhado o esboço de uma possível estrutura do mesmo. Centramos o congresso em torno do tema “Reabilitar a Cidade com Arquitectura”, através dos seus três sub-temas, Saber - a formação -, Fazer - a prática, o exercício - e Acontecer - realizar com qualidade.
- defendemos uma estratégia para a promoção e divulgação do trabalho dos arquitectos, uma espécie de *blitzkrieg* em nome da arquitectura, tanto a nível nacional como internacional. Destaco a este respeito a exposição Habitar Portugal com uma itinerância por doze cidades, o JA com um novo formato, a participação no programa “Entre Vizinhos” com eventos em Portugal e na Bienal de Veneza e por último o *dossier* realizado acerca da Internacionalização, compreendendo uma brochura e um manual de procedimentos.
- defendemos a reorganização interna da ordem, aproveitando a obrigação de proceder a uma adequação estatutária por força da lei 2/2013. Defendemos perante as instituições do Governo e da Assembleia da República, o estatuto que recebemos do anterior mandato, e construímos com a participação dos órgãos nacionais e regionais, os cerca de 12 regulamentos, essenciais ao funcionamento da ordem e à actividade dos arquitectos.
- Em colaboração com as secções regionais, deixamos uma associação mais modernizada, através do portal dos arquitectos, e uma casa mais estruturada financeiramente, tendo-se conseguido sanear quase por completo as dívidas do passado.
- Em conjunto, o CDN e a Secção Regional Norte, levaram por diante um projecto desenhado em anteriores mandatos, que tivemos a oportunidade e o prazer de concretizar, com o empenho e dedicação daqueles que estando mais próximo conduziram e orientaram a realização das obras. Enriquecemos o património da Ordem, mas acima de tudo criamos melhores condições para acolher os membros e os visitantes, ou seja tornamos a Ordem mais aberta à participação de todos.
- não esquecemos os que, fruto do seu esforço, da sua paixão e da sua vocação, heroicamente e em tempo de crise continuam a acreditar em ser um dia arquitectos. Em reconhecimento disso, o CDN e as Secções Regionais, dedicaram um evento de recepção, celebrando o início da sua actividade enquanto profissionais, permitindo-lhes assim conhecer a casa que lhes pertence e as caras de quem dirige a sua associação.

A profissão transformou-se e muito tal como o espectro da sua actividade, a profissão liberal que conhecíamos é hoje uma constituída por uma complexa teia de relações, de hierarquias, de dependências, definindo uma estrutura que coloca hoje os arquitectos numa realidade muito distinta da do passado ainda recente. Não vou dizer que seja melhor ou pior, é simplesmente muito diferente, e os arquitectos parecem procurar também uma atitude diferente de quem os lidera, de quem os orienta.

O mundo é também muito diferente, mais aberto, quase sem barreiras, mais competitivo, mais aliciante mas mais restritivo e tendencialmente orientado para um maior proteccionismo, impondo maiores restrições à actividade, procurando excluir a participação dos

profissionais, não em função do seu maior ou menor talento, e da maior ou menor qualidade do seu trabalho, mas pela sua condição financeira. Que mundo este tão triste, um mundo que não sabe olhar para uma profissão, valorizando aquilo que esta pode fazer de melhor para o bem estar de todos, sem olhar à condição financeira daqueles que participam na construção dessa única e maravilhosa realidade que é a cidade. Esse grande espaço que permitiu a evolução do homem, a construção e o desenvolvimento da sociedade, a progressão do conhecimento, da cultura, e do comércio.

A missão da ordem é muito clara: assegurar a salvaguarda do interesse constitucional por um correcto ordenamento do território, por um urbanismo de qualidade, pela defesa e promoção da paisagem, do património edificado, do ambiente, da qualidade de vida e pelo direito à arquitectura. Tal não significa que esta missão seja redutora ou restritiva, mas exige certamente uma atitude e um comportamento institucional, por parte dos seus órgãos, no respeito por todos, não deixando por isso de poder ser exercida, essa missão, de um modo inventivo e aberto, de modo a poder construir o presente visando o futuro.

Vivemos tempos muito adversos também para a arquitectura, numa Europa que tarda em não reconhecer o valor e o papel das instituições e das associações profissionais, confundindo a sua missão em favor de todos, com uma organização que protege direitos e concede privilégios.

Em tempo de crise, e de menor número e visibilidade das realizações dos arquitectos, é por isso mesmo o tempo certo para demonstrar e tornar mais evidente e perceptível por parte da sociedade, a relevância do papel dos arquitectos e da singularidade da sua formação holística, tão essenciais para construção da cidade e da paisagem e para o bem estar de todos.

Acredito numa ordem unida, construída com base numa relação sólida e num ambiente de colaboração entre órgãos, a união não só faz a força mas mais do que isso, estimula a crítica e a participação. Unidos poderemos, defender melhor, mas também compreender melhor e sobretudo servir muito melhor, os membros que nos confiam a tarefa de dirigir aquela que afinal é sua associação.

Os temas abordados são temas recorrentes e com estes nos debatemos no dia a dia da nossa actividade, quer enquanto arquitectos, quer enquanto dirigentes. A OA e os arquitectos, a OA e os outros, a OA e o mundo, a OA e a OA.

Sinto-me particularmente feliz por acreditar que não houve um dia destes três últimos anos em que tivesse esquecido a ordem e os seus associados, mas se tudo isto aconteceu assim, foi também porque pude contar sempre com o trabalho, a dedicação e a companhia, e acreditem que por vezes passamos momentos bem difíceis a defender a profissão, dizia eu, foi porque pude contar com todos aqueles, com quais em conjunto, desenhámos um programa e nos propusemos há três anos a assumir o mandato que agora termina. Alguns eram já amigos, outros simples conhecidos, outros nem isso. O mandato fortaleceu relações e construiu outras. Chegamos ao fim com as antigas relações inclusivamente enriquecidas.

Agradeço como tal a todos o trabalho e o apoio intenso dos últimos três anos, ao Pedro Ravara a sua constante dedicação e visão crítica permitindo evoluir e repensar os planos e as acções, ao Bernardo Pimentel a sua calma intervenção convidando os membros a participar na ordem, à Carmo Caldeira a frescura do seu olhar ao abordar novos temas,

ao Claudio Sat o mais argentino dos arquitectos portugueses, a sua diplomacia para construir a ideia de internacionalização e cuidar da legislação, ao Jorge Bonito a sua perseverança e determinação em construir uma política de arquitectura para o país, ao José Barra a sua lealdade para com os arquitectos defendendo a participação e o reconhecimento público destes, ao Marco Roque Antunes a sua dedicação quase exclusiva garantindo e viabilizando a execução das inúmeras acções, à Patrícia Costa a sua disciplina levando-nos para fora e em roteiro, ao Paulo Seródio a sua intranquilidade e inquietude reinventando, inovando e fazendo-nos olhar para o futuro, ao Rafael Pereira o seu tranquilo modo de ser e de saber, construindo pontes e compromissos, ao Vitor Carvalho Araújo a sua habilidade e percepção política construindo a defesa de causas.

Gostaria ainda de agradecer a todos os presidentes dos outros órgãos, ao Alexandre Alves Costa, à Maria Manuel Godinho de Almeida, ao Manuel Saldanha, ao Miguel Amado à Ana Vieira e ainda a todos os membros dos respectivos órgãos, que ao longo destes três anos dedicaram muito do seu tempo a todos os arquitectos, e permitam-me referir a Ana Silva Dias em especial pelos muitos anos que já partilhamos, de amizade e de participação na OA. Não esquecendo um agradecimento aos presidentes e comissões dos três colégios pelo muito trabalho que desenvolveram.

Aos dois provedores, o provedor do Arquitecto, Vassalo Rosa e do Estagiário a Teresa Madeira da Silva

Gostaria também de agradecer aos que nos ajudaram em momentos difíceis para os arquitectos, em particular a mim, no desenhar das decisões, ao Nuno Sampaio a quem desejo o maior sucesso naquele que é o seu projecto, a Casa da Arquitectura, ao João Paulo Bessa e ao Manuel Correia Fernandes, com os quais troquei tantas impressões.

Um abraço e um agradecimento a todos os juristas que nos acompanharam, e um agradecimento e acreditem muito sentido e especial ao Dr. Gonçalo Menéres Pimentel, por todo o seu trabalho, aconselhamento e companhia. Não só sente o que é ser arquitecto, como pensa e actua como sendo um arquitecto.

A todos os presidentes de outras associações CIALP, CAE, UAI, CSACAE, CAU, IAB, por toda a colaboração que permitiu à OA fortalecer a sua participação Internacional e conquistar a confiança e o respeito por parte das diversas instituições.

Uma palavra especial ao presidente que me antecedeu, João Belo Rodeia, com quem tive a oportunidade e a honra de trabalhar enquanto vice-presidente do seu segundo mandato, e com quem aprendi muito e, sobretudo, ajudou-me a compreender como presidir a uma instituição como a OA.

Sinto que fomos bem recebidos e bem acolhidos nesta casa por parte dos seus funcionários. Terão certamente muitas razões de queixa, porque não fomos tão eficazes como esperariam, não estruturamos a sua actividade como desejariam, enfim estaremos eventualmente longe do que imaginaram, mas posso garantir que nunca estiveram ausentes das nossas vidas e das nossas acções.

Sempre desejamos enquadrar, integrar, procurando o melhor de cada um e o melhor para cada um. Sei tão bem que nem sempre foi fácil, mas acreditem que levo muitas, boas e inesquecíveis recordações e agradeço a todos a competência e a dedicação essencial em tantos momentos, permitindo o sucesso das acções que tiveram a seu cargo. Um muito obrigado a todos e um obrigado muito especial, como poderão compreender, à Secretária do CDN, à Dr^a Cidalina Duarte, competentíssima profissional, conselheira, confidente,

guardiã. Confidenciei-lhe no início do mandato que nunca almoçava e por isso os almoços que são algo tão natural e habitual no quotidiano dos portugueses, eram para mim uma tortura. Sempre me protegeu dessa ameaça, em três anos não terei tido mais de meia dúzia de almoços, não me perguntem como o consegui.

Uma palavra também, e não menos importante, para os membros da segurança desta casa, que apoiaram e facilitaram em muito o nosso quotidiano.

Um agradecimento também a todas as instituições e parceiros que apoiaram e ajudaram a OA na construção de muitos eventos e programas.

Um último agradecimento à minha família por todo o apoio e por todo o tempo em que estiveram privados da minha companhia. Neste propósito permitam-me agradecer também às famílias de todos os que fizeram parte deste mandato.

Deixo a presidência da ordem com saudade, de todos, dos arquitectos, da adrenalina das discussões e das acções em defesa dos membros. A partir de agora continuarei a ser aquilo que sempre desejei ser, simplesmente um arquitecto, procurando saber e fazer melhor.

Termino desejando ao futuro Presidente e à sua equipa, bem como a todos os órgãos, não só o maior sucesso para o mandato que hoje se inicia, mas também que tal permita construir uma Ordem ainda melhor e mais próxima de todos.

8 de Fevereiro de 2017-02-08

João Santa-Rita